

Vania Brito

Sonhos traficados



Sonhos traficados

Vania Brito

Sonhos traficados



Rio de Janeiro
2018



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contidos e declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Sonhos traficados

Copyright © 2018, Vania Brito

Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:

Pod Editora

*Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro*

Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br

www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:

Pod Editora

Revisão:

Pod Editora

Imagem de capa:

www.pixabay.com.br

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, etc. — nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B877s

Brito, Vania

Sonhos traficados / Vania Brito. 1ª ed. — Rio de Janeiro: PoD, 2018.

108p. 21cm

ISBN 978-85-8225-207-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

18-52987

CDD: 869.3

CDU: 82-3(81)

03.10.18

11.10.18

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB -7/6644

À minha querida mãe, por tudo que me ensinou. À minha sobrinha Ingrid pelas leituras, enquanto eram apenas rascunhos. Aos meus professores de primeiro, segundo e terceiro grau, que me mostraram passos e compasso. Em especial ao meu mestre Luiz Guilherme P. Tavares.

Prefácio

Balas, drogas, sangue e esperança

A escritora Vania Brito aproveitou muito bem o que aprendeu com as lições de Jornalismo e deixa claro isso no texto do seu primeiro livro – Sonhos traficados. A porção ficcional não esconde a proximidade que a autora tem com o tema e o que ela nos conta é o retrato de uma das tragédias brasileira – o narcotráfico –, aquela que arruína famílias e vitima milhares de jovens, aos quais a Nação não consegue proteger contra as drogas, a semi-escravidão e as balas.

A jornalista reside num dos grandes bairros populares da Cidade do Salvador e o que ela relata foi o que ela viu, ouviu, apalpou e depois refletiu a respeito. Mexeu tanto com os seus sentidos que a empurrou do Jornalismo para o Direito. Seu livro é libelo, é denúncia e afasta de nós o sentimento de fracasso e nos anima com porção volumosa de esperança.

Ela nos dá o seguinte recado: aconteça o que acontecer, há sempre chão para o próximo passo e a vida, mesmo quando dela nos resta apenas um fiozinho, é permanente e reclama de nós que não a abandonemos jamais. As tragédias cravaram seus dentes cheios de crueldade e dor na alma e na carne de Leonor, mas a protagonista da novela da escritora Vania Brito seguiu adiante e admitiu que no lugar de sonhos desfeitos podemos colocar novos sonhos, sobretudo quando nos rendemos à força da vida.

O que distinguiu o texto que li de outros assemelhados foi o

pulo na tragédia e a volta à superfície com o arremesso do leitor a um instante de alegria e de perspectiva alvissareira.

Que este livro seja lido e que o entusiasmo tome conta de jovens realizadores que o transformem em roteiro de filme.

Vania Brito escreve como se nos apresentasse a sucessão de cenas que amanhã veremos no cinema.

Aspiro que *Sonhos traficados* seja o primeiro livro da autora, que ele, tal qual semente, frutifique e conquiste o aplauso que merece.

Boa leitura!

Luís Guilherme Pontes Tavares

Sumário

Sumário	9
Leonor	13
O segredo.....	21
O primeiro dia no trampo	22
O primeiro pagamento.....	24
Um presente.....	27
O primeiro a morrer.....	29
O desrespeito	32
O primeiro trago	33
A mentira.....	35
Um dia fora de casa	37
A briga em casa	41
O Empréstimo	43
Tensão no hospital.....	46
O despejo.....	47
Os dias na casa de Zélia	49
A doença de Luc.....	53
Medo de morrer.....	55
A guerreira mãe.....	60
A perda de um filho.....	63
O enterro.....	67
Uns tempos no sítio de Manoel	69
A lembrança	72
A homenagem	76
O corpo no campo	78
A viola no sítio	81
A polícia x corrupção	83
O espírito	86
O sonho	89
A ganância.....	90
A consequência e a dor da perda.....	93
O novo dono da boca.....	96
No dia seguinte ao banguê-banguê.....	99

A liberdade e a dignidade de volta.....	100
O casamento.....	103

“O homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe”.

Rousseau

Leonor

Era tarde de domingo, um dia quente na pequena cidade de Encanto. Para os moradores aquele era um dia como qualquer outro, apesar do índice de violência que vinha aumentando. A cidade sempre foi muito parada e todos já estavam acostumados. Festas só se fossem as comemorações religiosas e as de fim de ano, aí sim, era uma farra que só. Carros de som para todos os lados, um mais bem vestido que outro, parecendo até um desfile de moda. Mas o silêncio na cidadezinha bucólica estava mudando, pois, a chegada da universidade e do shopping trouxe muitos jovens, que podiam ser vistos por toda cidade, ora passeando, lanchando ou em bares e restaurantes.

Leonor, mãe de dois meninos, o Zeno de 19 anos e o Luc de 12, adorava aquela movimentação toda, para ela era sinal de que a cidade estava crescendo e seus filhos não precisariam ir embora quando formados morar em uma cidade grande, para aventurar uma vida melhor.

Quando a universidade foi construída, ela acompanhou dia após dia a sua construção. Repetiu diversas vezes que seu filho mais velho seria o primeiro a entrar lá, e assim foi. Ele passou em primeiro lugar para o vestibular de letras. Foi uma alegria, ela pulava e gritava no corredor da universidade como uma adolescente. O Zeno vermelho e morto de vergonha pedia para mãe se acalmar, mas de nada adiantava. Parecia ela quem tinha sido a aprovada no vestibular. O que o Zeno não sabia era que naquela alegria toda havia uma mistura de realização, orgulho e muita satisfação, já que ela era faxineira e com o que recebia nunca conseguiria mandá-lo para outra cidade estudar.

Apesar do seu corpo franzino de um metro e meio, Leonor sempre foi uma mulher muito forte. Mãe solteira teve que se virar como pode para garantir o aluguel e o alimento de seus meninos,

faxinando assim dia após dia de segunda a sexta-feira. Por isso incentivava os estudos deles, pois não queria que levassem a mesma vida que levava.

Leonor sempre sentiu muito orgulho de seus filhos, pois sempre foram prestativos, carinhosos e nunca a deixou sozinha com as tarefas de casa. Zeno sempre foi muito doce, estudioso, nunca deu trabalho. Luc, seu caçula, também não ficava atrás, tinha um amor enorme pela mãe. Tudo que fazia contava para ela. Tinha o sonho de ser jogador de futebol, ganhar dinheiro para poder ajudá-la.

Nos fins de semana, em especial aos domingos, Leonor reservava um tempinho para ouvir o Zeno recitar suas lindas poesias, ele adorava escrever. Volta e meia estava sentado com um caderno e lápis na mão. Luc era um desenhista nato. Era ele desenhar alguma coisa, que lá ia ela mostrar a sua comadre. Leonor sempre apoiou os meninos em tudo que faziam, às vezes aparecia com livros para o Zeno doado pelas patroas das casas que fazia faxina. Outro dia conseguiu uma chuteira usada para Luc, pronto, foi uma felicidade. Ele chorava de emoção, agradecia a mãe, dizia que iria retribuir tudo em dobro. Ela ria, achava bonita a felicidade dele.

Abandonada pela mãe quando tinha seis anos, Leonor foi criada pela tia Matilde que a maltratava muito. Sua tia saiu da capital e foi morar no interior de Encanto, por conta da violência que tinha crescido lá. Quando completou dezessete anos engravidou de Zeno. O pai do garoto sumiu pelo mundo para nunca mais voltar. Numa tarde fazendo compras conheceu o pai do Luc, era um homem bom, mas foi morto em um assalto quando o Luc tinha quatro anos. Assim teve de criar os meninos só.

Mulher agitada nunca conseguiu ficar parada. Quando terminava uma coisa, logo ia atrás de outra para fazer. Adorava dançar, mas nunca se deu ao luxo de ir a um baile. Quando estava

em casa adorava escutar rádio, só o ouviu nas alturas. Às vezes os vizinhos a chamavam e ela não os escutava. Foi o que aconteceu na tarde deste domingo. Efron e Bernardo chamaram uma vez, chamaram a segunda, terceira. Só depois de muito chamarem ela veio atender. Deixou em um balde as roupas que estava a estender e saiu correndo gritando quem era. Ao abrir a porta, já toda descabelada e com um avental amarrado a cintura, viu que era os amigos de Luc.

— Olá, meninos! O que querem?

— Luc está tia? — perguntou Efron.

— Não, foi comprar sabão e umas frutas. Querem entrar?

— Não, vamos esperar aqui.

— Ok! — disse Leonor.

Minutos depois chega Luc todo ofegante com algumas sacolas na mão. As sacolas de plástico fininhas estavam prestes a rasgar, pois Luc fez tanto esforço para segurá-las que já não estavam a resistir. Se andasse mais alguns metros as compras cairiam ali mesmo na rua.

Luc era um garoto magro, uma mistura do pai negro e alto, com a mãe branca de olhos claros. Ele tinha a pele clara, olhos verdes e cabelos encaracolados. Tinha uma saúde frágil, volta e meia estava com febre, mas não parava quieto. Sempre muito prestativo e atencioso com a mãe, queria ajudá-la nos afazeres. Uma das coisas que ele mais gostava era quando ela o pedia para comprar algo, pois ele se sentia homem, como ele mesmo dizia dentro de casa. E assim foi ele todo animado mais uma vez fazer compras para ela.

Quando viu os amigos na porta de sua casa esboçou um leve sorriso e gritou.

— Corram, ajudem-me! Tenho uma novidade para contar a minha mãe.

— Que novidade é essa? — Perguntou Efron.

— Ah! Primeiro vou contar a minha mãe.

— Como assim? Deixa de coisa. Somos seus amigos ou não? — Retrucou Bernardo.

— Claro que são.

— Então, conta aí, vai — disse Efron.

— É que arranjei um trampo.

— Como assim? Quem daria trabalho a um pivete que nem você. — Indagou Bernardo.

— Está vendo, por isso que não queria falar.

— Explica esse negócio direito. — Pediu Bernardo.

— Ah! Não vou explicar não. Depois a gente conversa, pois agora vou contar a novidade para minha mãe. Mais tarde a gente se fala.

— Ei! Vamos jogar bola? — Chamou Efron.

— Mais tarde — disse Luc.

A animação de Luc era tamanha que nem deu atenção para os amigos, deu as costas e entrou para contar a novidade a sua mãe. Seus pensamentos inocentes vaguearam em seu sorriso como se tivesse realizado um sonho. Postado na porta do quintal, ele ficou a observar.

Leonora, quando o viu ali parado, assustou-se.

— Oi meu filho, está aí parado por quê?

— Cheguei a pouco, estava te admirando.

— Me admirando, deixa de coisa menino. Cadê meu sabão e as frutas?

— Estão ali na mesa.

— Mãe, tenho uma novidade para te contar.

— Qual?

— Arranjei um trabalho.

— Que trabalho, está doido? Vai estudar. Você não tem idade para isso.

— Ah mãe, o trampo é coisa boba. Só vou ajudar o Thomas

a olhar quem entra e quem sai da comunidade. Com o dinheiro vou poder te ajudar e juntar para pagar a escolinha de futebol.

— Como assim ficar olhando quem entra e quem sai da comunidade? Não estou gostando nada disso. Isso não é trabalho, é encrenca.

— É não, mãe. Vou mandar o Thomas vir aqui.

— Sei não. Quero isso não.

Luc logo depois de contar para sua mãe correu para chamar o Thomas para que ele explicasse o que eles iriam fazer. Thomas tinha vinte e dois anos, era um garoto alto, de pele negra e magro. Foi criado pela avó, uma senhora obesa que mal conseguia andar, por conta disso, ele só andava na rua. Foi expulso da escola duas vezes, pois era muito violento com seus colegas de classe. Na rua que morava ninguém gostava dele. Diziam ser um menino cruel. Não podia ver um gato ou passarinho que maltratava. Contam as más línguas, que ele arrancou a cabeça do passarinho com a mão só porque o bicho tinha sujado a varanda da casa e ele era quem teria de limpar.

De tanto aprontar na rua sua avó teve que se mudar para a comunidade do Morrão. Lá, ele fez amizades e se envolveu com uma turma, formando um grupo de traficantes. Sendo ele e o Zé Roela chefes, eles saíam caçando meninos e meninas para fazerem parte da facção. Quando conheceu Luc, Thomas percebeu a paixão dele pela bola, aproveitou e jogou uma partida e no fim o convenceu de que o levaria para escolinha de futebol caso ele aceitasse trabalhar com ele. Contou todas as mentiras que pode, até que conseguiu ludibriar o garoto.

Thomas sempre foi muito ardiloso, por isso, quando Luc o chamou ele subiu a baixada já bolando o que diria a Leonor. Ao chegar bateu de leve como se educado fosse. Quando Leonor abriu a porta um clima estranho pairou no ar. Sua pele foi dominada por calafrios, seu corpo parecia não estar mais ali. Seu olhar estático perdeu-se em meio ao vento. Luc sem entender nada

sacudia seu braço e a chamava, mas ela não o escutava. Parecia estar em outro plano. Até que Thomas a chamou com uma voz firme, foi aí que ela se assustou e o cumprimentou com uma voz quase que inaudível.

— Olá, tia! Como vai?

— Vou bem.

Thomas tinha um olhar profundo, parecia querer hipnotizar as pessoas que falavam com ele. Sua cicatriz do lado esquerdo do rosto o deixava com aparência de mal, ar de arrogante e menino mandão. Sua voz era firme e forte. De tão magro suas vestes sambavam em seu corpo esguio. Seu cabelo desgrenhado não via pente há muito tempo. Seus dentes amarelados faziam um contraste com seus lábios escurecidos por conta do cigarro.

Apesar da pouca idade, Thomas era esperto e sempre conseguia o que queria. Mas naquela tarde não conseguiu convencer Leonor com suas poucas palavras.

— O Luc disse que a senhora quer saber sobre o trampo da gente.

— É, quero sim. Não gostei da ideia. Meu filho é uma criança ainda, não o quero se envolvendo em coisa de gente grande. E que história é essa de ficar vigiando quem entra e quem sai? Isso lá é trabalho.

— Não fica preocupada não, tia, a gente só tem de ficar de olho em quem entra e quem sai. Coisa boba. É um cuidado com a comunidade. Está acontecendo coisas estranhas, volta e meia um vizinho reclama que algo foi furtado de sua casa. É gente aparecendo morta lá na baixada. É por isso, que os caras mandaram tomar conta e avisar para eles. É tudo gente do bem. Só querem o bem da comunidade. Tem de botar ordem, tia. Senão vira baderna.

— Mas para que ficar olhando? As pessoas são livres, elas entram e saem à hora que quiserem.

— Eu sei tia, mas tem pessoas que não devem entrar. Nada demais. É tudo um problema de ordem na casa. — Entende?

— Sinto muito, o Luc não vai trabalhar com isso. O que as pessoas iriam pensar?

— Deixa de grilo tia. Já disse, é coisa boba.

— Me desculpa, mas ele tem de estudar. É uma criança ainda.

— Mãe, como não, vou ganhar dinheiro e te ajudar.

— Não. E deixa de conversa, venha vamos entrar. Desculpa! Ele não vai.

— Relaxa Luc, disse Thomas o olhando com um sorriso irônico.

Já dentro de casa Leonor reclamou com Luc do seu mau comportamento e disse que não o queria de conversa com o Thomas. Luc olhou para mãe desapontado, ligou a tevê e foi assistir seu desenho preferido.

Quando deu 15h00, decidiu ir à baixada conversar com Thomas, mas nada disse, pois sabia que se avisasse sua mãe não o deixaria ir. Quando chegou à baixada viu muitos garotos armados e sem saber o que fazer pensou em voltar, quando Thomas o gritou.

— Luc, estou aqui, pode chegar meu camarada.

— Estava te procurando. Quem são esses? — Perguntou Luc.

— São todos amigos, sem neura. Relaxe! — Disse Thomas. — E aí, você vai topa o trampo ou não? Sua velha é muito chata, se fosse a minha não falava assim comigo não.

— Às vezes ela exagera, mas é gente boa.

— Vai topa ou vai obedecer a mamãezinha? Se entrar não sai mais. É coisa simples. Já te expliquei como é. Você fica no seu posto, depois vem outro e te tira. Só pode sair, quando o outro chegar. Nada de querer brincar, ficar de risadinha. Se fumar, cheirar tem de ficar acordado. Se pegar no sono não acorda nunca

mais. E aí, vai topar ou vai amarelar?

— Se eu topar você não pode falar nada para ninguém, tenho medo que minha mãe saiba.

— Deixa comigo, você fica em um lugar escondido lá na parte de baixo. Amanhã você começa, vê se não me dá bolo, já falei com a rapaziada que é você quem vai tomar conta daquele posto.